



Universidade da Amazônia

Abel e Helena

de Artur Azevedo



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Abel e Helena

de Artur Azevedo

Personagens

Abel, professor público
Nicolau, fazendeiro
Pantaleão de Los Rios
Cascais, vigário da freguesia
Alferes Andrade, comandante do destacamento
Góis & Companhia, negociantes
Filomeno, sacristão, sineiro, etc.
Eustáquio, ferreiro
Helena, afilhada de Nicolau
Pedrinho
Juca Sá, estudante de férias
Benjamin
Marcolina, mucama
Um feitor
Um empregado do correio

Devotas, rapazes, negros, povo, músicos, etc.

A cena passa-se em uma freguesia da província do Rio de Janeiro.
Atualidade.

ATO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

A MISSA

Praça pública. Ao fundo a Matriz e a casa de residência do Padre Cascais. É dia de festa.

Cena I

POVO, depois *CASCAIS* e *FILOMENO*

(Ao erguer do pano homens e mulheres, defronte da porta de *CASCAIS*, apresentam flores, frutas, velas de cera e frango. Flores em mais abundância.)

Coro

Aceite, ó senhor padre, os mimos que lhe dão
de coração
os que aqui 'stão

com devoção!
E lhe pedimos já cheíssimos de fé,
que rogue a Deus por nós, se nosso amigo é.
Aceite, ó senhor padre, etc.

Uma Rapariga (Oferecendo um ramallete a Cascais.) — Aceite estas cravinas aceite por favor

Não são tão purpurinas?
Não têm tão linda cor?

Outras Raparigas — Se o seu padre não aceita este raminho já, tomamos por desfeita e não voltamos cá...

Coro
Aceite estes presentes,
se nos quer ver contentes.
Aceite ó senhor padre, etc.

(Acabado o coro, continua a música na orquestra, enquanto o povo depõe os seus presentes nas mãos de Filomeno, e vai se retirando.)

Cena II

CASCAIS e FILOMENO

Cascais — Guarde tudo isso, seu sacristão.

Filomeno — Sim, senhor vigário. (Vai aos poucos levando as oferendas para a casa de Cascais.)

Cascais — Ora, valha-me Deus! Que presentes! Que presentes! Duas velas de cera, apenas um frango, e flores, flores, e mais flores! (Com desgosto.) Pra que flores? — Ah! Já vai o tempo dos perus e das galinhas gordas... O tempora, o mores! E viva um pobre vigário da modesta cõngrua! Já não há fé nos vigários! Já não há fé nos vigários!

Filomeno — Não é tanto assim, senhor vigário; o seu colega de Itapiri...

Cascais — É exato. É o homem mais feliz que conheço. Até o sermão de hoje mo tiraram para dar-lho, a ele! E levam-lhe bois, porcos, sacos de farinha e de feijão...

Filomeno — Deve fazer bom negócio...

Cascais — Ora se faz! Mas por cá é o que você está vendo: flores, flores e mais flores! (Como quem se resigna.) Enfim! você há de levar este ramallete à comadre... (Dá-lhe um ramallete que tem conservado na mão.)

Filomeno — Sim, senhor vigário.

Cascais — E o sino?! Trouxeram o sino, que tinha ido ao mestre ferreiro, para segurar o badalo?

Filomeno — Ainda não.

Cascais — Como ainda não?!

Filomeno — Estou à espera...

Cascais — Olhe que hoje não podemos passar sem sino! Um dia de tanto júbilo! Festa literária depois da missa das dez...

Filomeno — Vossa Reverendíssima não me explicará o que vem a ser essa festa literária?

Cascais — Coisas do Senhor Pantaleão de los Rios, que não tem mais o que fazer! Dá um prêmio a quem decifrar uma charada, responder a uma pergunta enigmática e glosar um mote! Ah! Senhor Pantaleão, Senhor Pantaleão! Ne sutor ultra crepidam.

Filomeno — Ora o Seu Pantaleão!

Cascais — Já vê você que não podemos passar sem o sino! Preciso do sino!

Filomeno — Falai no mau. Aí vem o Mestre Eustáquio com ele. (Eustáquio entra pela direita carregando um pequeno sino.)

Cena III

Os mesmos e *EUSTÁQUIO*

Cascais — Então, Mestre Eustáquio, que demora foi essa?

Eustáquio — Vossa Reverendíssima desculpe; mas estive ocupado a arranjar umas ferraduras para o senhor juiz de paz, e... Mas cá está o sino, e desta vez, bem seguro o badalo.

Cascais — Veja lá se o arranca de novo, seu sacristão!

Eustáquio — Olhe! (Agita o sino.)

Cascais (Precipitando-se para sufocar o som.) — Pare, pare, homem de Deus! vai o povo persuadir-se de que o estou chamando à missa...

Eustáquio — Desculpe...

Cascais — Também já são horas. Ali vêm algumas devotas e entre elas a juíza da festa. Vamos, seu sacristão, leve o sino para a torre, pregue-o no lugar, e chame à missa. (Filomeno entra na igreja com o sino. A Eustáquio.) Este sacristão acumula, hein? Ele é sacristão, sineiro, oficial de justiça, vende cera e faz a escrita da loja do Polidoro. (Outro tom.) Mestre Eustáquio, venha amanhã receber as duas patacas do ajuste.

Eustáquio — Não há novidade... (Vai-se.)

Cena IV

CASCAIS e a juíza da festa, devotas de mantilha, Helena e Marcolina

Cascais (À juíza da festa.) Viva a juíza! Entre, Dona Bárbara! (Acompanha-a até a porta da igreja. Nisto entra Helena acompanhada por Marcolina. Helena, durante o coro, cumprimenta o vigário.)

Coro de Devotas Moças

—Eis de sinhá, falange honesta
que também vem gozar a festa,
pois jovem ser não é razão
que justifique a reclusão

Helena — Ah! que satisfação ser moça como eu sou!

O coração se me alvoroça!

Quem foi que amores inventou?

(Filomeno tem aparecido na torre da igreja, e prega o sino a uma pequena trave.)

Helena — Meu coração palpita, pulsa por quem chegar vai hoje aqui!

Sinto-me, ó céus, toda convulsa, como jamais me senti.

Mas, ah! não sei se meu padrinho me deixará ou não casar com meu benzinho.

II

Ele não tem ...(Faz sinal de dinheiro.)

A ver navios

eu ficarei talvez, até,

só porque dois sacos vazios

não se poderão ter em pé.

Mas, ah! não sei se meu padrinho

me deixará ou não casar com meu benzinho

(Continua a música. O coro entra na igreja. O vigário vai a entrar também, mas Helena o agarra e obriga-o a descer com ela à cena. Marcolina conserva-se no fundo.)

Cena V

HELENA, CASCAIS e MARCOLINA

Helena— Dá-me uma palavrinha?

Cascais — Duas e três, se quiser, mas a missa...

Helena — Tem tempo. (Cessa a música.)

Cascais — Estou às suas ordens...

Helena (Dando com Marcolina.) — Vá para a matriz, Marcolina.

Marcolina — Iaiá, sinhô velho me disse que não deixasse vossemecê sozinha.

Helena — Faze o que te digo!

Marcolina — Tá bom, eu vou mas depois não quero cumo-chama comigo. (Entra na igreja.)

Cena VI

HELENA e CASCAIS

Helena — Padre, vim reclamar sua proteção.

Cascais — Minha proteção, Dona Heleninha? Explique-se.

Helena — Padre, eu já estou em idade de casar-me: vinte e quatro anos não são vinte e quatro horas.

Cascais — Ciente.

Helena — À última vez que estive na corte, quis o destino que me encontrasse com ele.

Cascais — Ele quem?

Helena — Abel.

Cascais — Que Abel?

Helena — Um moço que se apaixonou por mim e por quem tive a fraqueza de me apaixonar.

Cascais (Sorvendo uma pitada.) — Ciente.

Helena — Desde que voltei para a roça, a sua imagem não me saiu mais do coração. Ai! o padre não sabe o que é o amor!

Cascais — Tolutur questio

Helena — Amo-o como só se ama uma vez.

Cascais — Deveras?

Helena — E Abel não tarda aí!

Cascais — Aí onde?

Helena — Aqui.

Cascais — Aí aqui?

Helena — Por um desses meios difíceis que só lembram os namorados, Abel conseguiu que uma cartinha me chegasse às mãos.

Cascais — Por meio de alguma pomba?

Helena — Agora apresentou-se candidato à cadeira de primeiras letras cá da freguesia, fez o exame e apanhou o lugar.

Cascais — Mas, enfim, o que deseja de mim, Dona Heleninha?

Helena — Sua proteção, repito. Abel é muito pobre e meu padrinho e tutor, como Vossa Reverendíssima sabe, só quer casar-me com sujeito rico. Como Vossa Reverendíssima exerce influência em dindinho, escrevi a Abel, dizendo-lhe que o procurasse.

Cascais — A quem? ao dindinho?

Helena — Nada! Ao padre. Peço-lhe que seja seu amigo e o apresente a dindinho, já sabe: com alguma recomendação. Ah! ele! sempre ele!.

Cascais — Ele quem?

Helena — O caiporismo. Já estou ficando tia, e nada de novo!

Cascais — Tia, Dona Heleninha! A senhora, tia! Distingo!

Helena — Se dindinho não consente em meu casamento com Abel, mato-me! (Ouve-se rumor fora.)

Cascais (Depois de olhar à direita.) — Ai, ai! Quem vem ali! Está na terra aquele vadio?!

Helena — Quem?

Cascais — O Pedrinho! vem deitar a freguesia de pernas para o ar! e com que súcia! Entre, Senhora Heleninha, entre...

Helena — Não se esqueça de mim, padre...

Cascais — Hei de fazer o possível. (Helena entra na igreja.) Com toda a certeza o Nicolau abana as orelhas, mas tudo se há de arranjar.

Cena VII

CASCAIS, PEDRINHO, BENJAMIN, JUCA SÁ e rapazes vadios da freguesia, dos quais um toca flauta e o outro violão

Os Rapazes (Entrando ruidosamente e envolvendo Cascais.) — Ora viva o senhor vigário! Viva!

I

Pedrinho (A *CASCAIS*.) — Na cidade me aborrecia: as férias cá passar, pois vim, e trouxe em minha companhia o Juca Sá e o Benjamin (Apresentando *JUCA SÁ* e *BENJAMIN* a *CASCAIS*.)

O Benjamin e o Juca Sá! que lhos apresente consinta.

Cascais — Grande prazer é o que me dá! Senhores eu tenho a distinta ...

Pedrinho — O Benjamin e o Juca Sá!

Todos — O Benjamin e o Juca Sá!

(Dançam em volta de CASCAIS.)

Tsing lá, tsing lá lá!
Lá rá lá rá, lá rá lá rá!

II

Pedrinho — Sem mais extensos palanfrórios: estudantes ambos e dois: não passam dos preparatórios...

Hão de os fazer lá pra depois...

O Benjamin e o Juca Sá! que lhos apresente consinta.

Cascais — Grande prazer é o que me dá!

Senhores eu tenho a distinta...

Pedrinho — O Benjamin e o Juca Sá!

Todos — O Benjamin e o Juca Sá!

(Repetem com mais vivacidade as danças.)

Tsing lá lá, tsing lá lá!
Lá rá lá rá, lá rá lá rá!

(No fim das coplas, acha-se de novo CASCAIS envolvido no grupo.)

Pedrinho — Ora ouça o que aqui nos traz, senhor vigário: saltei do trem, há pouco, com os meus dois colegas. Conhece-os? Apresento-lhe os senhores...

Cascais — Basta! basta! Você já mos apresentou por música.

Pedrinho — Havíamos-nos reunido a esta rapaziada, quando vimos de longe negrejar a túnica de Vossa Reverendíssima. — O que é aquilo? — O quê? — Aquele ponto negro? — Aquilo é o vigário! — Ah! é o vigário aqui da freguesia? perguntou o Benjamin. — Como se chama? acrescentou o Juca Sá. — Cascais, respondi eu. — Cascais? o ilustre Cascais?! — É o próprio. — Quero vê-lo de perto! — Queremos vê-lo! — E aqui estamos. (A Benjamin e Juca Sá.) Rapazes, aqui têm o vigário! Que tal o acham?

Benjamin — Bom

Juca Sá — Muito bom.

Cascais — Meus bons amigos, a companhia é muito agradável, mas... Com licença... Os deveres do meu cargo estão a reclamar-me.

Pedrinho — Nada de cerimônias, senhor padre, nada de cerimônias; faça de conta que está em sua casa... (Cascais entra na igreja.)

Cena VIII

PEDRINHO, BENJAMIN, JUCA SÁ e RAPAZES.

Benjamin — Então, não vamos à missa?

Pedrinho — Qual! Vocês ainda não viram a vila. Quero mostrar-lhes todas as curiosidades.

Juca Sá — Ora! Na matriz é que está o madamismo!

Pedrinho — O madamismo é uma das curiosidades, lá isso é!...

Benjamin — Nada conheço mais curioso do que a mulher.

Pedrinho — ... Mas teremos tempo de sobra para apreciá-lo, e com todos os ff e rr, em casa do Senhor Pantaleão de los Rios.

Benjamin — Quem é esse Senhor Pantaleão de los Rios?

Pedrinho — É o delegado literário da freguesia: um espanhol que aqui reside há muito tempo; está naturalizado brasileiro, e tem a mania de ser literato.

Benjamin — Nesse caso, é também uma das curiosidades?

Pedrinho — É. Acaba de promover nada menos que uma festa literária!

Benjamin — Uma festa literária? Conta-nos lá isso!

Pedrinho — Vocês não de ver. (Ao da flauta.) Ó Frederico, para que horas está marcada a festa em casa do los Rios?

O da Flauta — Para o meio dia.

Pedrinho — Já vêm vocês que temos tempo de percorrer a vila.

Benjamin — Siga a passeata!

Juca Sá — Viva a pândega!

Pedrinho — Olha essa música! (Os rapazes tocam. Saída ruidosa. Repetição do último coro: Tsing lá lá, etc.)

Cena IX

ABEL, com uma mala na mão, acompanhado de um negro que traz um baú na cabeça, depois *CASCAIS*

Abel — Então, é esta a casa do vigário? (O negro afirma.) Vejamos. (Vai bater à porta do vigário.)

Uma Voz de Mulher — Quem é?

Abel — Sou eu. Está em casa o vigário?

A VOZ — Não, senhor: está aí apegado na matriz.

Abel — Obrigado. (Dirigindo-se para a igreja.) Pelo que vejo há festa hoje por cá... (Cascais sai da igreja, sem reparar em Abel.)

Cascais (Consigo.) — Está lá dentro um calor... Engrolei uma missa em três tempos! Já tenho habituado este povo a ouvir missas instantâneas, como as fábulas do Mosquito. Agora está pregado o colega de Itapiri.

Abel — Vossa Reverendíssima não é o vigário cá da freguesia?

Cascais (Modestamente.) — À falta de homens...

Abel — Pode dar-me uma palavrinha?

Cascais — Estou às suas ordens, mas.. se trata de ir confessar alguém muito longe da freguesia... Em dia de festa...

Abel — Não se trata disso. Primeiro que tudo, consinta que este preto vá a deixar em sua casa aquele baú e esta mala...

Cascais — Mas...

Abel — Descanse. (Dando a mala ao negro.) É por uma hora, se tanto. (Ao negro.) Leva isso lá para dentro. (O negro entra com a carga em casa de Cascais.) Vossa Reverendíssima não recebeu uma cartinha de seu irmão, o Senhor Doutor Cascais?

Cascais — Uma carta de meu irmão? Há dois meses que não escreve! (O negro sai de casa de Cascais; Abel vai ter com ele e dá-lhe dinheiro. Sai o negro.)

Cena X

ABEL e *CASCAIS*

Abel — Veja como são as coisas! Eu queria trazer a carta para trazer em mão própria... É uma carta de recomendação...

Cascais — Ciente.

Abel — Mas o Doutor Cascais me disse que seria melhor viesse a carta adiante, porque, assim, Vossa Reverendíssima preparar-se-ia para receber-me. Mas não importa!

Cascais (Apontando para a direita.) — Olhe, ali vem o caixeiro do agente do correio; talvez traga a carta.

Abel — Queira Deus que assim seja.

Cena XI

Os mesmos e um *EMPREGADO DO CORREIO*

O Empregado do Correio (Entrando. A *CASCAIS*.) — Seu padre-mestre, a benção! O patrão manda pedir-lhe muitas desculpas, por não lhe ter mandado entregar logo esta carta. Estava metida em outros papéis e ninguém deu por ela.

Cascais — Está bom, dê cá. (A *ABEL*.) É a história eterna dos nossos correios.

O Empregado do Correio — Passar bem, seu padre-mestre.

Cascais — Viva! (*O EMPREGADO DO CORREIO* sai.) É, na verdade, letra de meu irmão. Como está ele? Bem? Gordo?

Abel — Bem gordo; (Vendo que *CASCAIS* arranca o selo da carta e guarda-o.) Para que guarda isso?

Cascais — Eu faço coleção de selos...

Abel — Ah!

Cascais (Abrindo a carta.) — Dá licença?

Abel — Essa é boa...

Cascais (Lendo, com acompanhamento na orquestra.)

“Com a saúde que se quer
vá te achar esta cartinha,
pois vai menos mal a minha,
como a de minha mulher.

Para essa freguesia
nomeado professor,
para lá segue o Senhor

Abel de Souza Faria (Abel cumprimenta.)

A amizade que me tem
a apresentar-to me impele:
o que fizeste por ele
a mim me farás também.

Um verdadeiro romance
hás de ouvir de meu rapaz,
e, nesse ponto, far-lhe-ás
o que for a teu alcance.

Sem assunto para mais
— sou teu irmão obrigado,
venerador e criado,

Ambrósio Teles Cascais.” (Cessa a música.)

Quanto ao romance de que fala meu irmão, ciente. A Senhora Dona Heleninha contou-me tudo. Antes desta (Mostra a carta.) já tinha recebido a sua recomendação.

Abel — E então? O que acha Vossa Reverendíssima de tudo isto? Venço ou não venço?

Cascais — Não vence. Asseguro-lhe que o senhor não vence. A vitória estará sempre do lado do Nicolau, o padrinho e tutor de Dona Heleninha.

Abel — Mas Reverendo, esse homem não me conhece! Nunca lhe pedi, nem ele me recusou coisa alguma!

Cascais — Senhor Abel, eu não sou homem de paliativos. Gosto das coisas - anda mão, enfia dedo. Se o senhor for pedir ao Nicolau a mão da afilhada, não ganha terreno; perde, ao contrário: escabreia o homem! O Nicolau de vez em quando retira-se de casa e vai passar um, dois, três dias na fazenda. Deixa a casa entregue à afilhada e a afilhada aos fâmulos.

Abel — Deveras?

Cascais — Deveras. Na primeira ocasião que se oferecer, tire a menina de casa e traga-a cá, que os caso.

Abel — Mas o Nicolau é capaz de zangar-se com Vossa Reverendíssima.

Cascais — Deixe estar, eu cá me arranjo... Todo o meu desejo é uni-los e para isso, envidarei bons esforços. Agora, diga-me cá: é certo que faz mestre-escola só para estar perto de sua pretendida?

Abel — Assim foi... Olhe que sempre fui muito atrevido.

Cascais — Como assim?

Abel — Não entendo patavina da matéria em que fui examinado.

Cascais — Está brincando. Isso pode lá ser!

Abel — Duvida, Reverendíssimo? Não sabe o que é empenho?

Cascais — Não sei, não sei! Pois se não fosse ele, o empenho, teria eu esta modesta cônica?

Abel — Pois o empenho e o amor fizeram responder a perguntas de gramática àquele que nem por fora a conhecia!

Cascais — Horresco referens!

Abel — Sabe quem foi um de meus examinadores? Adivinhe.

Cascais — Quem foi?

Abel (A rir.) — Seu irmão.

Cascais — O Ambrósio! Ah! Ah! Ah!... (Dando uma pancadinha no ventre de Abel, e arrependendo-se, gravemente.) Oh! Perdão.

Abel — Ouça e pasme.

Rondó

Quando fiz o meu exame,
veio ter comigo o doutor
e disse: — Nada de vexame!
Sou seu examinador...

Olaré! que os professores
assim são feitos é que são!
Com tais examinadores
fazem sempre um figurão!

— Este nome, ele me disse,
que valor é que aqui tem?
Respondi-lhe uma tolice,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

